

**O pote de ouro emborcado:
rastros de invisibilidade e traduções do imaginário de Bujaru**

**The overturned pot of gold:
trails of invisibility and translations of the imaginary of Bujaru**

Jessica Silva do Nascimento
Instituto Federal do Pará – IFPA
Belém/PA- Brasil
Sílvia Sueli Santos da Silva
Instituto Federal do Pará – IFPA
Belém/PA- Brasil

Resumo

O presente artigo tem como objeto de estudo, as inserções de saberes culturais de origem africana no imaginário de Bujaru (PA), manifestadas em narrativas orais sobre tesouros escondidos por homens escravizados que viveram na região, cujas influências culturais permaneceram encobertas ante a invisibilidade da presença do povo negro na cultura paraense. Na linguagem e nas expressões culturais que identificam a cultura bujaruense, tais influências se apresentam de forma marcante, denotando um sentido de saber comunitário e identitário. Utilizou-se uma metodologia híbrida, na qual a pesquisa de campo ocorreu em diferentes períodos e com a característica especial da utilização de recursos de tecnologias remotas, em função do isolamento social, imposto pela pandemia COVID-19. O material da pesquisa incluiu dados coletados remotamente, observação e conversas com os narradores bujaruenses, resultando no reconhecimento da importância das narrativas orais como registro das memórias e identidades culturais invisibilizadas na região.

Palavras-chave: Narrativas orais; Memória; Imaginário; Bujaru.

Abstract

This article has as its object of study the insertions of African cultural knowledge in the imaginary of Bujaru (PA), manifested in oral narratives about treasures hidden by enslaved men who lived in the region, which cultural influences remained uncovered before the invisibility of the presence of the black people in Pará's culture. Both in language and cultural expressions that identify the Bujaru culture, such influences present themselves in memorable fashion, denoting a communitary and identitary sense of knowledge. It used a hybrid methodology in which the field research occurred in different periods, with the special characteristic of remote technology resources usage, due to the social isolation imposed by the COVID-19 pandemic. The research material includes data collected remotely and the process of observation and conversations with Bujaru narrators, resulting in the recognition of the importance of oral narratives as registries of memories and cultural identities made invisible in the region.

Keywords: Oral narratives; Memory Imaginary; Bujaru.

A boca da cobra grande

Banhado pelas águas doces do rio Bujaru está situada a cidade do mesmo nome. De acordo com Silva (2016) o nome Bujaru vem do Tupi e pode ser traduzido como “boca de cobra”. Não se sabe se o nome está relacionado a alguma característica específica do rio notada pelos nativos dos séculos anteriores, por sua natureza selvagem e de difícil acesso, de adentrar a mata.

Assim, como muitas cidades amazônicas, a região onde hoje está a cidade de Bujaru foi outrora habitada por povos ameríndios. Um registro importante é destacado por Nascimento (2018), mostrando que no século XVIII, período de surgimento das vilas e municípios da localidade à beira do rio Bujaru, as ordens religiosas fizeram bastante uso da mão de obra indígena nas produções nas fazendas.

Nos arquivos públicos das “Memórias Históricas” de Fr. Manoel de Sá – acervo das Notas históricas sobre missões Carmelitas – consta que os primeiros registros de origem do município de Bujaru são do século XVII, datados do ano de 1624 e que, segundo o documento, a terra foi uma área cedida pelo capitão Bento Maciel Parente a Baltazar Fontes, como consta no registro:

‘Santa Teresa do Monte Alegre – Vulgo Engenhoca
‘O Cap.m desta Capitania, primeiro descobridor e Conquistador do Gurupá e Rio Amazonas, Bento Maciel Parente, concedeu a Baltazar de Fontes e sua Mulher Maria de Mendonça uma Légua de terra no Rio Bujarú, por carta de 14 de Junho de 1624, feita por Bernardo Ribeiro Serrão que registrou no L.º das Datas, em 5 de 9bro do mesmo ano:’
‘Esta concessão foi confirmada pelo Sr. Prov.or Francisco Coelho de Carvalho em 14 de Maio de 1627.’ (PRAT,1941, p. 155)

Segundo Nascimento (2018), por conta da falta de habilidade no trato das terras, essa légua no Rio Bujaru, logo foi doada pelos sesmeiros ao Convento do Carmo de Belém. Nessa localidade da foz do rio Bujaru foram construídos um pequeno engenho e uma capela, onde colocaram a imagem da Santa Tereza de Jesus e o lugar foi nomeado Santa Teresa do Monte Alegre, atualmente, a área é conhecida como Engenhoca.

A cidade de Bujaru está localizada na região interiorana do Estado do Pará; possui grandes áreas de cultivo, os mais conhecidos são as plantações de açaí e mandioca, meios de alimentação dos nativos e sustento financeiro da população bujaruense, que fornece grande quantidade de sua produção para a capital Belém e outras localidades do Brasil.

O município de Bujaru tem fortes influências que contribuíram com sua cultura, e segundo informações de Silva (2016), a origem do município é devido à vinda de famílias nordestinas para o Pará “que ali chegaram devido à crise da economia da borracha e

passaram a desenvolver atividades agrícolas e a criação de pequenos animais, atraídas pelas potencialidades das terras” (SILVA, 2016, p. 274). No entanto, Nascimento (2018) mostra que o entorno de Santana de Bujaru é apontado como área quilombola, resultante de fugas e ocupações no final do século XVIII e início do XIX.

Há certas localidades onde funcionavam antigos engenhos e casarões de senhores, onde ainda são encontrados objetos e antigas fundações de casebres do tempo da escravidão. Esses são exemplos históricos, frequentes em narrativas e no imaginário bujaruense, envolvendo a memória de seus antepassados. Essas características culturais do solo bujaruense e sua cultura econômica e de subsistência contribuem para a preservação das memórias desse povo dotado de riquezas materiais e históricas.

Como dizia minha avó...

Em meio a muitas conversas compartilhadas, temos frequentemente, o uso da expressão “*minha avó me contou que...*” ou “*é verdade, meu padrinho viu uma visagem no caminho do retiro*” que resultam em calorosas conversas que são alimentadas por lembranças de outras histórias que vão surgindo noite adentro, em diálogos amistosos, após as refeições.

Essa transmissão de narrativas e de casos fantásticos, permite que a comunidade reencontre a memória viva de seus antepassados. De certa forma, vê-se a presença dessas histórias como um meio de valorizar a lembrança deles, mantendo-a viva e em movimento. É certo que o processo de compartilhamento das histórias ocorre espontaneamente, pois vê-se no jeito dos moradores a satisfação em contar essas narrativas.

A emoção da recordação presente nas narrativas é algo forte. Para Ricoeur (2007), ao se lembrar de algo, alguém está lembrando de si e é nisso que se refletem as narrativas. As experiências, tendo as lembranças da infância relacionadas a uma figura mais velha – sejam os avós, pais ou conhecidos da família – que sejam “vivas” e que conhecem os segredos e lado espiritual da mata, permeiam as lembranças de pessoas que vivem no interior ou até mesmo já mudaram para as localidades mais urbanizadas.

As histórias que ouviram em outros momentos, hoje são compartilhadas e despertam as recordações de um povo. Sobre essas memórias do passado, Ricoeur destaca que a memória é passado: “(...) esse passado é o de minhas impressões; nesse sentido, esse passado é o meu passado. É por esse traço que a memória garante a continuidade temporal da pessoa e, por esse viés, dessa identidade, cujas dificuldades e armadilhas enfrentamos acima”. (RICOEUR, 2007, p. 107).

No que se refere aos narradores de Bujaru, assim como em outras localidades do Pará, vê-se que algumas expressões do tipo “*como dizia minha avó*”, “*igual como o finado cumpadre falava*”, “*minha mãe sempre dizia*”, demonstram que esses contadores fazem questão de destacar de onde veio esse modo de falar e de contar essas narrativas orais. Os narradores citam suas fontes e desse modo evidenciam o discurso e o estilo de um narrador tradicional, que se torna referência por seu saber e sua performance.

Na região da cidade de Bujaru, as memórias são marcadas pela ancestralidade do povo negro escravizado. Os registros informam que o surgimento do município se deve a ocupação nordestina, no entanto, há muitos relatos de descendentes de negros escravizados e, de acordo com os antigos, muitos de seus descendentes, tataravós, por exemplo, trabalhavam nos engenhos nas fazendas locais.

Observando as narrativas orais e seus elementos, vê-se que muitas histórias se construíram através de uma identidade histórica, é o caso de uma narrativa contada por uma moradora de Bujaru, quando alguma entidade sobrenatural se mostrou a ela, pois precisava ser libertada. Dentro dessa surpreendente narrativa, as visões se apresentaram com trajes semelhantes às dos séculos passados, quando o povo negro ainda vivia sob regime de escravidão.

Entende-se, através dessa narrativa, dotada ao mesmo tempo de misticismo e historicidade, dada às informações de vestimenta e características do local descrito, que há uma influência ancestral no contexto narrado e é possível identificar, nelas, contribuições étnicas, linguísticas e culturais. Acerca do processo de diminuição e até mesmo negação da importância da cultura negra na Amazônia, Salles (1971) destaca:

Se foi apreciável durante certo tempo, em alguns centros urbanos e mesmo rurais, a parcela negra da população, a soma de múltiplos fatores históricos sociais – a proibição do tráfico, a abolição da escravatura, um começo de imigração organizada, o formidável êxodo nordestino para a Amazônia etc. – resultara na diminuição daquele contingente negro que, por outro lado, se perdera gradativamente na calha da mestiçagem e hibridação a tal ponto de hoje apresentar percentuais irrisórios nos mesmos locais onde anteriormente sua presença fora considerável. Todavia, não terá sido nem pelo fator étnico, que de forma alguma conduz a dinâmica cultural, nem tampouco pela densidade da população, que o negro haveria ou não de influir culturalmente (SALLES, 1971, p. 67).

Apesar da contribuição nordestina na origem do município, é importante afirmar que, historicamente, a ocupação da região já era feita pela população indígena e negra que trabalhava como mão de obra escrava para os colonizadores, quando da chegada de migrantes do Nordeste brasileiro em Bujaru. Além disso, ressalta-se que, apesar de muitos

moradores de Bujaru alegarem a descendência proveniente de pessoas que foram escravizadas, ainda há poucos relatos documentados sobre o verdadeiro processo de povoamento da área resultante, majoritariamente, pelo povo negro.

Quando partimos de um ponto específico, dotado de uma ancestralidade em comum, que se conecta com diversas outras narrativas, é possível compreender as contribuições históricas, presentes na vida dos moradores de Bujaru. O registro que se faz, ao iniciar uma história, informar onde aconteceu, como se sucedeu, quais elementos presentes no acontecimento, a mística histórica presente no local onde o caso aconteceu, tudo isso nos ajuda a ampliar o nosso olhar como caboclos componentes desse contexto e valorizar a contribuição do povo negro, como participante ativo na construção da cultura amazônica.

Salles (1971), afirma que a contribuição cultural dos negros no Pará é diminuída e frequentemente negada, apesar das evidências de sua presença no processo de formação das culturas amazônicas:

É bom lembrar que, para haver difusão cultural, basta que o que se transmite à comunidade mereça a aceitação coletiva e que qualquer amostragem de dados etnográficos e folclóricos comprovará que o negro contribuiu, em larga escala, para dar mais embasamento à cultura regional. Uma prova disto é a lúdica amazônica, essencialmente negra. (SALLES, 1971, p. 67).

Passamos agora por um momento de reafirmação das verdadeiras contribuições para a cultura amazônica que por muito tempo foram silenciadas e menosprezadas. Além disso, é provável que a riqueza em detalhes de narrativas envolvendo o povo escravizado, os tesouros encontrados e que ainda estão escondidos nas localidades venha dessa descendência que vivenciou esses momentos.

Como herança, os costumes, a habilidade de manipular ervas medicinais e o cultivo de alimentos advém de famílias que há muito tempo habitavam essas localidades. Inserido em um contexto muito amplo, que descende do período de exploração da mão de obra indígena e escrava, e que posteriormente, passou a habitar essa região como pessoas livres, o povo bujaruense, como parte da população amazônica, está mergulhado em saberes e costumes que vêm sendo transmitidos através do que aprenderam com seus ancestrais.

Memórias e saberes ancestrais

A população de Bujaru, tanto os ribeirinhos, quanto os que vivem mais adentro da mata fechada, possui experiências que adquiriram no dia a dia e as que, de certo modo, herdaram de seus pais que também aprenderam ao conviverem na floresta. O saber não se limita apenas às práticas de pesca, plantação e colheita de alimentos. Elas se estendem às

práticas curandeiras que envolvem um lado sobrenatural e místico. Essas práticas são advindas da pajelança, um dom que, de acordo com Maués (2005), pode ser “de nascença” ou de agrado. Por meio dele, muito é compartilhado com o povoado, assim como as mais variadas histórias e lendas. Segundo Maués (2005), o dom da pajelança sendo este “de nascença” ou de agrado, é uma manifestação que se anuncia desde o ventre da mãe quando o bebê chora, algo que fica em segredo para que não perca os poderes. Além disso:

O pajé, quer seja de nascença ou de agrado, tem uma carreira muito semelhante ao que é classicamente descrito em relação a todos os xamãs: um período de crise de vida, em que sofre incorporações descontroladas de espíritos e caruanas, devendo submeter-se a tratamento com um pajé experiente, que irá afastar os espíritos e os maus caruanas, treinando o noviço para que ele possa controlar as incorporações, de modo que elas ocorram somente em ocasiões e lugares determinados. Ao mesmo tempo, ensina-lhe os mitos, as técnicas, o conhecimento dos remédios, as orações etc., de sua arte (MAUÉS, 2005, p. 269- 270).

A pajelança cabocla é um exemplo de resistência que permanece viva e apesar das interferências, essa herança indígena é “parte integrante da diversidade religiosa do caboclo da região, integrada ao catolicismo e passando por transformações, como processo social dinâmico, que tem grande influência na vida das populações rurais desta região” (MAUÉS, 2005, p.272).

A diversidade, presente nas narrativas, refletem vivências e o que está no consciente e inconsciente popular, sendo rememoradas nas conversas de varanda, nas chegadas das visitas ou de alguém que nunca ouviu falar daquelas histórias, sendo benquistos pelos moradores ribeirinhos, pescadores, agricultores e roceiros que sempre têm uma boa história para contar sobre o lugar onde vivem ou de onde vieram.

Esse simbolismo e a valorização da cultura estão inseridos na comunidade amazônica, sobre isso, Loureiro afirma:

A cultura amazônica é, portanto, uma produção humana que vem incorporando na sua subjetividade, no inconsciente coletivo e dentro das peculiaridades próprias da região, motivações simbólicas que resultam em criações que estreitam, humanizam ou dilaceram as relações dos homens entre si com a natureza. Uma natureza plurivalente para o homem, da qual ele retira não apenas sua subsistência material, como também espiritual (LOUREIRO, 2000, p. 72).

A força do imaginário que conhecemos no interior amazônico é possível devido à transmissão de narrativas, cuja origem é atribuída aos antigos das comunidades locais e arredores que mantém viva a história que lhes foi contada. Quando se adentra no espaço amazônico, ao entrar em contato com os moradores locais e iniciar uma conversa, elas

geralmente, possuem uma narrativa muito interessante para compartilhar, cheia de mistérios, curiosidades e memórias que alimentam o imaginário encantado, de quem as ouve. Segundo Peralta (2007), a função da memória como imagem do passado sendo partilhada: “é a de promover um laço de filiação entre os membros de um grupo, com base no seu passado coletivo, conferindo-lhe uma ilusão de imutabilidade, ao mesmo tempo que, cristaliza os valores e as aceções predominantes do grupo ao qual as memórias se referem.” (PERALTA, 2007, p. 5-6).

Esse laço entre o narrador e o passado de sua terra natal é perceptível através da conexão que há no enredo das narrativas contadas pelos moradores de diversas localidades do interior do Estado do Pará, entre outras localidades do Norte, onde as pessoas se identificam com um ambiente em comum, uma lembrança a qual muitos estiveram presentes. No caso de Bujaru, o passado partilhado é a herança comum que receberam da descendência que trazem da cultura negra e indígena.

Os saberes transmitidos pelos seus antecessores foram repassados através das narrativas orais, onde os cenários místicos de Bujaru são explorados, expondo o lado sombrio e misterioso, encontrados em diversas localidades onde antes viviam seus primeiros habitantes. Ao visitar o município é comum receber os conselhos dos moradores, dotados de simbologia e apreensão: “*cuidado com esse caminho, que nesse horário dá pouca visage!*” (grifo nosso). Esses lugares fazem parte da história e imaginário coletivo desse povo.

A encantaria de seu rio e matas

Os mais antigos dizem que a quietude das matas, juntamente, com as águas das regiões mais embrenhadas, atrai seres que estão além do plano natural em que vivemos. Segundo os relatos dos bujaruenses, a “mãe d’água” e a “mãe do mato” reinam nessas localidades e cuidam de todos aqueles que necessitam da terra para sobreviver, pois são seres que observam, julgam e condenam aqueles que maltratam os rios e as matas.

Além dessas duas gigantescas protetoras da natureza, há outros seres na floresta, denominados de encantados, e que, segundo Maués (2005), são pessoas que se encantaram, e que, portanto, é necessário algum cuidado, pois atraem e levam as pessoas para o seu reino:

As pessoas se encantam porque são atraídas por outros encantados para o “encante”, seu local de morada. O encante se encontra “no fundo”, normalmente no dos rios e lagos, em cidades subterrâneas ou subaquáticas. Para que alguém seja levado para o fundo, por um encantado, é preciso que este “se agrade” da pessoa, por alguma razão. É comum a ideia de que, se alguém for levado por algum encantado para visitar o encante, deve evitar comer as coisas que lhe são oferecidas, caso contrário se encantará, não podendo mais viver no mundo da superfície, como os demais seres humanos. (MAUÉS, 2005, p. 265).

Segundo contam os moradores de Bujaru, caso haja uma situação de encantamento, o pajé deve ser chamado imediatamente, já que, a rapidez é necessária no ritual de desencanto para conseguir trazer o encantado de volta, caso contrário, pode ser tarde demais. Em algumas narrativas, relatam a necessidade dos padrinhos no ritual e até mesmo, de outros elementos católicos, como água benta.

Esse sincretismo religioso é mencionado por Heraldo Maués, em sua pesquisa no nordeste paraense, em que relata sobre uma variação de crenças no meio caboclo. Em seu local de pesquisa, muitas pessoas se declaravam católicas e, posteriormente, também, praticantes da pajelança. Alega ainda que “(...) não estavam erradas as pessoas ao se declararem católicas, sem mencionar suas práticas xamânicas, já que estas, na verdade, estão incorporadas às crenças e práticas do catolicismo popular que praticam.” (MAUÉS, 2005, p. 260).

Nas narrativas orais dos moradores de Bujaru, elementos da pajelança e do catolicismo também estão presentes, pois são frequentes os relatos sobre a necessidade de chamar o pajé, que é a presença mais requisitada que a do padre. No entanto, ao final das histórias contadas, os narradores, geralmente, concluem com expressões como: “graças a Deus e a Virgem Nossa Senhora”, “Valei-me Virgem Nossa Senhora”, ou seja, os agradecimentos seguidos do sinal da cruz ou promessas de gratidão, enfatizam essa presença sincrética entre os cultos religiosos.

Nos sítios encantados do município, há localidades com cruzes – símbolo do cristianismo – afincadas nos solos⁴⁰, representando túmulos de escravos que morreram em sofrimento. Segundo a crença local, espíritos que sofreram muito em vida, não conseguiram descanso após a morte e permanecem aqui como almas penadas, percorrendo as terras onde viveram com duras cargas de trabalho escravo, vivendo anos de solidão, tristezas e rancor.

Como visto, além dos seres encantados e os personagens mais conhecidos do imaginário amazônico, os moradores também narram que, há vários locais onde é possível ver pessoas com roupas brancas, aos trapos, semelhantes àquelas utilizadas no período da escravidão. Contam os moradores que os sentimentos da vida sofrida, podem manter a alma presa no plano terreno, muitos espíritos só se libertarão quando desenterrarem os pertences, que as almas penadas esconderam, ainda em vida.

Os bujaruenses contam que, em Bujaru, há lugares mais propícios a se encontrar visagens, assombrações e espíritos atormentados. Dentre esses, estão a fazenda Bom Intento, a vila do Cajuíra e a zona da mata.

⁴⁰ Não se sabe se os túmulos, afincando a cruz no local do enterro, foram feitos pelos religiosos que viviam na região ou pelos próprios escravos.

O retiro Bom Intento

Popularmente chamado de “Boitento”, de acordo com Barroso (2014), Bom Intento era um importante engenho da região de Bujaru, localizado às margens do rio Guamá. Localidade predominantemente rural, tinha uma área equivalente a 250 léguas de extensão e pertencia a um português de nome Joaquim Antônio da Silva. Com forte presença de posseiros e escravos.

A propriedade possuía, no início dos anos de 1860: uma casa de varanda; um oratório; um engenho; plantações de cana e de arroz, animais diversos e ranchos para moradia dos seus 157 escravos. Sob a administração direta de Januário Antônio da Silva, irmão de Joaquim, o Engenho Bom Intento dedicava-se à extração da madeira e à produção do arroz e de derivados da cana (BARROSO, 2014, p.96).

Atualmente, o engenho é um local bastante visitado pelos turistas curiosos, que já ouviram falar de suas ruínas, e pelos os que querem se banhar na localidade, pois as águas com uma pequena queda, são bastantes atrativas aos banhistas.

Essa região é um atrativo turístico da cidade de Bujaru, pois tanto os turistas quanto seus moradores gostam de se aventurar nas águas da antiga fazenda e explorar as áreas onde se encontram as ruínas do engenho, embrenhado numa grande área dominada por cacauzeiros. A região é dotada por uma atmosfera mais íngreme, por conta da quantidade de árvores nos arredores do que restou do antigo engenho, e causa nos visitantes, uma imensa curiosidade e sensação de querer saber mais sobre aquele espaço.

Na área tomada pelas águas, ao mergulhar é possível sentir que no fundo, o chão é ladrilhado de grandes pedregulhos, e curiosamente, há alguns anos, foi possível encontrar cacos de louças antigas no fundo das águas. Até hoje, os moradores se aventuram a procurar peças do tempo em que o antigo sítio estava ativo.

Os moradores da região contam que essa área é rodeada de visagens e em algum lugar do retiro, há um forno emborcado em cima de outro forno e está cheio de ouro. Contam também que muitos já procuraram esse tesouro, mas nunca encontraram. Esse, é um dos muitos lugares de Bujaru, dotados de energias sobrenaturais que povoam o imaginário de sua gente.

Relicários das almas

Os valores agregados às localidades intensificam a sua significância. É o que ocorre nas áreas de grande incidência de aparições de espíritos de escravos em Bujaru. Na região onde funcionava o antigo sítio do Bom Intento, dentre outras localidades onde ainda se podem ver as ruínas dos antigos casarões, ou onde ainda se mantém histórias sobre o lugar, há a consciência e memória coletiva sobre esses ambientes; existe a valorização desses

espaços pela população, e isso possibilita a preservação da história e da cultura do município.

Dentro do sítio arqueológico de Bujaru, os moradores mantêm as memórias que sobrevivem devido às narrativas fantásticas sobre “riquezas” escondidas. Uma dessas narrativas é passada por Dona Nata, que conta a história de alguns homens que resolveram cavar em um ponto, que desconfiavam ter um tesouro escondido:

(...) uma vez foram num quintal que tinha, disque tinha aquele pilarzão, um esteiõ fincado, baixinho, mas quadradão com uma teba de argola, aí disque o dono da casa falou com o colega dele e foram de noite paresque . Cavaram, cavaram, cavaram e aí bateu no canto dum tacho assim – ela faz movimentos como se estivesse demonstrando o formato – e aí ele disse “olha, já apareceu aqui uma ponta, então tem dinheiro” e era mesmo (entrevista concedida em 2020 por Dona Natalina).

A história é confirmada por Tia Lucí, uma das moradoras da localidade de Bujaru e afilhada de dona Nata. Ela conta sobre a existência de alguns lugares, onde realmente, há argolas presas na ponta de esteios fincados e essa informação nos conecta à narrativa de dona Nata. Ela conta que, dois homens estavam felizes. Eles tinham descobertos que estavam certos em sua teoria sobre o tesouro, e por isso, iam continuar a cavar para tirar a caixa do buraco, porém, a partir desse momento, tudo ficou muito difícil.

(...) batia lá aí a pessoa voava, pulava pra fora parece que uma pessoa jogava, um choque, parece que uma pessoa empurrou ele dali, lá foi. Aí o outro ia, mandava a inchada, batia no tacho aí ele caía longe. Aí eles tentavam umas quantas vez, aí o outro já com medo, daquele choque e aí disque um já dizia “vai fulano!” e ele dizia “Não, num vou mais” e o outro dizia “vai fulano!” ninguém mais foi... até tentavam umas quantas vez antes, mas ninguém mais queria ir. Disque é porque quando não é pra pessoa. Aquele sei lá o quê, alma, aquele quem enterrou aquele dinheiro, aquele tacho com joia, ele num quer que a pessoa tire, ainda tem tudo isso, né (Entrevista concedida em 2020 por Dona Natalina).

Após esse acontecimento, segundo dona Nata, eles chamaram um pajé e ele confirmou que havia riquezas naquele tacho, mas, completou a informação dizendo “só que não é pra vocês. Não tem de ser pra vocês”. Ao ouvirem o que o pajé falou, eles fecharam o buraco, sem sucesso de conquistar o famoso tesouro.

Existem muitas narrativas que contam histórias de outras riquezas ocultas nas terras bujaruenses. No entanto, segundo os relatos, o espírito de quem os guardou é quem escolhe quem é digno de receber o que eles deixaram guardado ainda em vida. Quando dona Nata fala: “Aquele sei lá o quê, alma, aquele quem enterrou aquele dinheiro, aquele tacho com joia, ele num quer que a pessoa tire, ainda tem tudo isso, né”. Só vai tirar quem eles escolherem, completa dona Márcia, outra moradora do lugar. O trecho em que a narradora

diz “*ele não quer que a pessoa tire, ainda tem isso, né*”, nos faz refletir sobre esse “tom” que ela usa, pois, ouvindo-a, compreendi que estava destacando o quanto não é algo simples como se imagina. Por trás dessas narrativas, ainda há o merecimento de receber o tesouro. Como um relicário que protege algo muito valioso, aqueles lugares guardavam almas, pois os tesouros escondidos, eram as pendências que impediam que os espíritos alcançassem a paz, segundo explicou dona Nata.

Diferente das histórias populares, nas quais geralmente, ouvimos falar sobre a figura do tesouro escondido mais presente em histórias de piratas e que, independente de caráter, qualquer um pode obter, aqui nesse contexto dos tesouros escondidos, pelos antigos escravos, há o quesito merecimento de receber o que ainda pode estar debaixo do solo bujaruense.

Na mesma conversa com dona Nata e dona Márcia, mencionei sobre a história que ouvi da tia Lucí em que ela narra, exatamente, sobre um lugar onde foi morar e viu crianças com a aparência idêntica aos seus filhos, porém, estavam com roupas antigas, iguais as de escravos. Ela estranhou que não foi apenas uma vez que a visão das crianças lhe apareceu; numa dessas vezes, eles se aproximaram dela e disseram para estar em um lugar e horário específicos, para cavar, pois ali tinha algo de grande valor. No entanto, havia uma condição: depois que encontrasse o tesouro, ela deveria ir embora e nunca mais voltar.

Tia Lucí contava que, como ela gostava daquele lugar não teve coragem de ir ao local que disseram, pois não queria desistir de estar ali. Então, resolveu não ir ao lugar do tesouro. Tempos depois, ela soube que, de repente, um morador próximo da localidade onde ela morava ficou muito rico, arrumou suas coisas e não tiveram mais notícias dele. Após contar essa história, dona Márcia completou dizendo que em uma conversa com tia Lucí ela falou de como era o terreno na época em que chegou naquele lugar e foi limpando a área pra conhecer mais.

(...) era um lugar assim... que parecia que ninguém nunca tinha morado ali, era brejo ali. E ela começou a limpar, aí o pessoal começou a falar “égua, vocês vão pra ali?!” né...e ninguém queria morar pra lá.

*Quando ela começou a desbravar pra ali, capim, roçar, depois capinar, ela foi prestando atenção que, achando coisas ali que ela foi entendendo que ali era um cemitério láaaaaa das antigas. Dava pra entender isso, aí ela foi capinando, foi limpando, [...] chegou onde tinha duas árvores assim grande e entremeio tinha um negócio assim igual uma argola, tinha um arco ali, uma coisa, mas ela entendeu que ali já devia ter sido cemitério, né, quando acaba eu acho que lá que marcava onde tava a... (– dona Marcia faz menção indicando algo como um túmulo) – Porque quando acharam, o buraco tava no pé da árvore, no meio das duas árvore o buraco do tesouro.(
Entrevista concedida em 2020 por Dona Márcia)*

Pelo que foi possível entender, essa conversa surgiu quando ela estava explicando sobre o que descobriu, após essas aparições que se manifestaram para ela. Assim, entendeu o

motivo das pessoas terem ficado tão surpresas, ao saberem que ela se mudaria para aquele terreno. Além disso, tia Lucí fala do buraco onde as crianças disseram que estaria o tesouro e que já estava desenterrado quando ela passou por lá.

Essas informações e conexões das conversas nos fazem refletir o quanto é importante essa troca de narrativas orais, pois é nelas que o fantástico surge e, assim, vamos conhecendo ou tentando descobrir acontecimentos locais, que nos permitem interligar diversas narrativas e suas semelhanças. E assim, conseqüentemente se inicia o processo de preservação da cultura amazônica, em que Bujaru está inserida.

Algumas considerações

As narrativas contadas pelo povo bujaruense nos trazem um pouco da história e origem de um povo que merece ser lembrado e reconhecido historicamente. Ao ouvir uma narrativa regional como as que nos deparamos, não se espera que tenham tantas informações por trás dos contos, não de forma a nos permitir descobrir algo além do fantástico e assustador em conversas acaloradas numa cozinha aconchegante, em companhia de boas doses de um café recém passado. No entanto, é importante olhar com outros olhos e procurar nos mínimos detalhes a rica herança cultural que o povo negro nos deixou.

Daí a importância dessa pesquisa em recolher essas narrativas e, de alguma forma, contribuir com o imaginário poético caboclo, que como afirma Loureiro (2000), não se apresenta apenas nos vários campos da arte, ela “[...] também estabelece a forma de uma ética das relações dos homens entre si e com a natureza. Uma poética em ação que se instaura no cerne de uma cultura governada pela função estética do imaginário” (LOUREIRO,2000, p.80).

Este estudo mostra uma Bujaru, não como o mesmo espaço vivido pelos que nos antecederam, mas como um ambiente que se transforma a cada olhar, pois está se resignificando a cada geração, visto que, apesar das narrativas serem passadas para a posteridade, a perspectiva se modifica a cada ouvinte. Como nos explica Arrais, a “performance se desenvolve num entrecruzamento de vários elementos, por isto ela sempre será singular, de modo que nenhuma será igual a outra.” (ARRAIS, 2018, p. 43).

Sendo assim, o ato de transmitir as narrativas nunca será da mesma forma, havendo uma singularidade, resultado de vários olhares, principalmente, em relação às narrativas fantásticas. Não temos aqui só uma visão sobre os lugares encantados; são construídas várias histórias no decorrer do tempo, e gradativamente, vão surgindo outros olhares sobre as matas e as águas, formando um ciclo que, assim como as águas, se renovam a cada narrativa transmitida.

Dessa forma, o imaginário é visto a partir das experiências vividas neste lugar, por meio das informações dos moradores, falando sobre o passado do município, e os casos sobrenaturais que viveram e ainda vivem. Então, dessa forma, contribuimos para a construção da memória de Bujaru, pois continuamos seguindo, visitando as casas dos moradores e, descobrindo, outras narrativas e agregando mais informações sobre esse município, enriquecido de narrativas e imaginário fantásticos.

REFERÊNCIAS

ARRAIS, Sabrina Augusta da Costa. **O poeta, o rio, o inverso**. In: SILVA, Silvia; REIS, Wellingson. (Org.). Às margens do rio imaginário e fantástico nos assentamos e... contamos! Belém: Editora IFPA, 2018. p. 29-46.

BARROSO, Daniel Souza. **Múltiplos do Cativoiro: Casamento, compadrio e experiência comunitária numa propriedade escrava no Grão-Pará (1840-1870)**. Afro-Ásia, Salvador, n. 50, p. 93-128, Dec. 2014.

Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0002-05912014000200093>. Acesso em 05 nov. 2020.

MAUÉS, Raymundo Heraldo. (2005). **Um aspecto da diversidade cultural do caboclo amazônico: a religião**. Estudos Avançados, 19(53), 259-274. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-40142005000100016>>. Acesso em 10 jan. 2020.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. **Obras reunidas**. Editora Escrituras. São Paulo, 2000.

NASCIMENTO, Claudia Helena Campos. **Um lugar chamado Bujaru**. In: Anais do XV Seminário de História da Cidade e do Urbanismo. Anais...Rio de Janeiro (RJ) UFRJ, 2018. Disponível em: <<https://www.even3.com.br/anais/xvshcu/83016-UM-LUGAR-CHAMADO-BUJARU>>. Acesso em: 06 nov. 2020.

PERALTA, Elsa. **Abordagens Teóricas ao Estudo da Memória Social: Uma Resenha Crítica**. In: Arquivos da Memória: Antropologia, Escala e Memória. N.º 2 (nova série), Centro de Estudos de Etnologia Portuguesa, 4-23, 2007.

PRAT, Fr. André. **Notas históricas sobre as missões carmelitanas no extremo norte do Brasil (Séculos XVII e XVIII)**. Recife, 1941.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Editora Unicamp. Campinas, 2007.

SALLES, Vicente. **O negro no Pará: sob o regime da escravidão**. Rio de Janeiro, 1971.

SILVA, Gelson Carneiro da; VASCONCELOS, Carlos Américo Lima; FONSECA, Haydeé Borges. Ecoturismo os atrativos naturais em Bujaru/Pará. Revista **Margens Interdisciplinar**, [S.l.], v. 7, n. 9, p. 267-280, maio 2016. Disponível em:

< <https://periodicos.ufpa.br/index.php/revistamargens/article/view/2781> >. Acesso em: 06 nov. 2020.

SOBRE AS AUTORAS

Silvia Sueli Santos da Silva: é Doutora em Artes Cênicas, PPGAC, Universidade Federal da Bahia (2011), Docente Titular do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará (IFPA). Integrante do Grupo de Estudos em Gênero e Performance – GECE e Núcleo de Estudos em Cultura e Ócio - NECO (UA/PT), líder do Grupo Interdisciplinar de Pesquisa em Arte, Cultura e Educação GIPACE (IFPA/CNPq). Investigadora colaboradora no Centro de Línguas, Literaturas e Culturas, Programa Doutoral em Estudos Culturais da Universidade de Aveiro (PT), concluiu Pós-doutorado em Estudos Culturais (2019). É pesquisadora das mascaradas de rua, narrativas orais, cultura e imaginário amazônico. E-mail: silvia.silva@ifpa.edu.br (<https://orcid.org/0000-0003-4626-686X>)

Jessica Silva do Nascimento: é graduada em Letras, Língua Portuguesa pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará (IFPA). Especialista em saberes, linguagens e práticas educacionais na Amazônia. Integrante do projeto de contação de histórias, *Na rede de Ananse* e do Movimento de contadores de história da Amazônia (MOCOHAM). E-mail: silvanjessicaifpa@gmail.com